

Winnicott na América: do uso de um objeto à abertura de diálogos com Freud

Winnicott in America: from the use of an object to some dialogues with Freud

Nadja Nara Barbosa Pinheiro*

Resumo

Partindo da percepção de que a grande maioria dos estudiosos da obra de Winnicott ressalta sua resistência em adotar o conceito de pulsão de morte, o artigo se propõe a apresentar uma perspectiva distinta. Inicia pela apresentação das noções anunciadas por Winnicott em torno do uso de um objeto na palestra proferida em Nova Iorque¹. Em seguida, argumenta que, a partir daí, Winnicott desenvolve novas ideias entrelaçando-as a temas fundamentais da obra freudiana, sobretudo em três eixos: a teoria das pulsões; o potencial destrutivo originário em relação à capacidade de sobreviver; a função paterna como ambiente facilitador ao processo de integração.

Palavras-chave: Uso de um objeto. Impulso destrutivo. Pulsão de morte. Winnicott. Freud.

Abstract

Starting from the perception that most of Winnicottian readers highlight his resistance in adopting the concept of death drive, the article proposes to present a different perspective. It begins by presenting the notions announced by Winnicott regarding the use of an object in New York. Next, it argues that Winnicott, from that point on, develops new ideas relating them to Freudian's fundamental themes, mostly in three axes: the theory of drives; the primary destructive potential in relation to the ability to survive; the paternal function as a facilitating environment for the integration process.

Keywords: *Use of an object. Destructive impulse. Death drive. Winnicott. Freud.*

* Psicóloga. Mestre e Doutora em Psicologia. Professora Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, PR, Brasil. nadjanbp@hotmail.com

¹ Embora eu saiba que o uso da grafia Nova York seja bem usual no Brasil, eu gostaria de manter a grafia Nova Iorque. Justifico como uma posição política em aporportuguesar os nomes.

Introdução

Salta aos olhos dos leitores da obra de Winnicott o fato de ele, repetidas vezes, afirmar suas reservas em relação ao conceito de pulsão de morte postulado por Freud em 1920 (FREUD, 1920/1986). É comum, também, notarmos que a partir desse ponto, vários comentadores contemporâneos promovem uma desarticulação entre o pensamento dos dois autores, de tal forma que utilizarmos as ideias de ambos, simultaneamente, em termos tanto teóricos quanto clínicos, parece ser um equívoco (LOPARIC, 2013; FULGENCIO, 2006, 2013; ABRAM, 2013; DETHIVILLE, 2014).

Tomando como ponto da partida a enunciação do próprio Winnicott (1967/1975) de que só se pode ser original tendo como base uma tradição, pretendemos neste artigo apresentar uma perspectiva distinta.

Com esse objetivo em mente, iniciaremos nossas considerações pela análise da palestra proferida por Winnicott em 1968, na Sociedade de Psicanálise de Nova Iorque, na qual o autor apresentou noções relativas a um novo conceito em sua obra: a capacidade para usar objetos, entendendo-a como um processo intermediário entre o relacionamento objetal primitivo, portanto, subjetivo e a verdadeira relação com um objeto autônomo e diferenciado. Dessas ideias inovadoras, alguns fios de interlocução com a obra freudiana serão pinçados. Nesse percurso, tomaremos as pistas oferecidas pelo próprio Winnicott (1969/2013) quer seja ao citar nominalmente trechos de um artigo de Freud (1937/1986), a saber, *Análise terminável e interminável*. Quer seja ao incluir no título de seu último artigo um dos mais complexos manuscritos de Freud (1939/1986), *Moisés e o monoteísmo*.

Por fim destacamos que essas considerações nos permitirão destacar alguns eixos de diálogo entre as obras dos dois autores que, ultrapassando a questão das pulsões, se desdobram sobre temas complexos e importantes para a psicanálise como um todo. Em nossa opinião, esses eixos merecem ser aprofundados em investigações futuras, pelo seu potencial tanto teórico quanto clínico.

Winnicott em Nova Iorque: a controvertida palestra

Em 1968, ou seja, em um momento em que sua obra já estava bem consolidada, Winnicott foi convidado para fazer uma palestra na Sociedade Psicanalítica de Nova York (NYPS). Constavam, igualmente, do plano de viagem, duas

outras apresentações que ocorreriam na semana anterior: uma no Kings County Hospital e outra em uma tradicional instituição psicanalítica, o William Alanson White Institute. Na primeira, ele palestrou sobre o jogo do rabisco e, na segunda, sobre o desenvolvimento emocional infantil (BAUDRY, 2009). Quer dizer, nessas duas ocasiões prévias, dedicou-se a expor dois tópicos de sua teoria já amplamente reconhecidos no âmbito psicanalítico.

No entanto, para a palestra proferida na NYPS, Winnicott reservou a apresentação de um tema sem precedentes e ainda em construção em seu pensamento: a passagem, no desenvolvimento emocional infantil, de um modo de relação onipotente e subjetivo com o objeto para um modo mais sofisticado, que leva em consideração a externalidade e alteridade do próprio objeto. Segundo sua perspectiva, essa segunda modalidade de relação objetual é alcançada por meio de um processo descrito pelo autor como o alcance, pelo sujeito, da capacidade de “*usar*” o objeto. Nesse sentido, percebemos que a intenção de Winnicott era a construção de uma teoria que lhe permitisse entender como se processa a passagem da apercepção subjetiva para a percepção da existência de um mundo externo e compartilhado, no qual cada sujeito pode perfazer sua contribuição pessoal e singular, portanto, criativa. Um tema tão espinhoso e complexo que suscitou inúmeras questões entre os estudiosos de sua obra sobre quais teriam sido as razões que lhe fizeram decidir-se a apresentá-lo, pela primeira vez, ainda em estágio de elaboração, tão longe de casa e de seus colegas da Sociedade Britânica de Psicanálise (RODMAN, 2003; ABRAM, 2013; DIAS, 2005; BAUDRY, 2009; KHAR, 1996).

Em termos históricos, a Sociedade Psicanalítica de Nova York é a mais antiga dos Estados Unidos. Foi fundada em 1911 por Abraham Brill, um dos primeiros praticantes de psicanálise no continente norte-americano. Após a Primeira Guerra Mundial, vários de seus membros decidiram ir à Europa para realizar suas formações como psicanalistas. Eles se dirigiram, prioritariamente, para Viena, Budapeste e Berlim, e trouxeram, de volta para casa, os ensinamentos de Freud em sua tradição mais clássica. Em 1922, inauguraram uma série de cursos e, em 1923, foi criado o primeiro comitê educacional, cuja função era a de regulamentar a formação analítica edificada sobre o tripé aconselhado por Freud: análise pessoal, estudo teórico e desenvolvimento de atendimentos clínicos sob a supervisão de um membro da escola (THOMPSON, 2012).

Com a emergência da Segunda Guerra Mundial, inúmeros analistas, já reconhecidos na Europa, emigraram para os EUA, fugindo da perseguição nazista. Muitos se tornaram membros da Sociedade de Psicanálise de Nova York,

como Heinz Hartmann, Ernst Kris, Rudolf Loewenstein, Edith Jacobson, Robert Blake e Kurt Eissler. Esse grupo de analistas compunha os criadores da Psicologia do Ego que germinava no seio da NYPS. Outros membros dessa sociedade, como Berta Bornstein, Marianne Kris e Margaret Mahler, fundaram, em cooperação com Anna Freud, um campo de estudos e pesquisas sobre o desenvolvimento emocional infantil, a partir do qual edificaram a prática clínica com crianças no seio do instituto americano (THOMPSON, 2012).

Assim, se por um lado, a tradição da Psicologia do Ego era a de estudar os temas clássicos freudianos, por outro, alguns membros da sociedade desenvolviam pesquisas que se relacionavam com os estudos de Winnicott acerca dos processos de desenvolvimento emocional primitivo (THOMPSON, 2013), razão pela qual, talvez, o tenham convidado para palestrar em 1968. Não fica muito claro, entretanto, por que ele aceitou o convite. Winnicott já completara 72 anos, ou seja, já havia construído uma trajetória clínica e teórica consistente e reconhecida. Além disso, sua saúde, àquele momento bastante comprometida, tornava a decisão de viajar para a América e apresentar ideias nunca dantes debatidas, algo capaz de deixá-lo apreensivo e de sobrecarregar seu coração já enfraquecido por recorrentes problemas cardíacos (RODMAN, 2003; KAHR, 1996). Tal apreensão parece transparecer no fato de Winnicott ter enviado a Anna Freud, semanas antes do embarque, o material que iria apresentar em Nova Iorque. Segundo Rodman (2003), tal episódio pode ser considerado como uma tentativa de receber aprovação e proteção da eminente psicanalista. Ela, no entanto, agradece o envio do artigo e, sem tecer comentários a respeito do conteúdo, apenas sugere que a noção winnicottiana sobre objetos transicionais já se tornara suficientemente reconhecida no mundo psicanalítico. Desta forma, Winnicott parte para a América, sem uma avaliação das ideias inusitadas que iria apresentar aos colegas norte-americanos. E, apesar de os biógrafos de Winnicott destacarem as qualidades, o prazer e o costume do autor em discursar para diferentes públicos, vários acontecimentos tornaram esse evento um momento mítico em sua vida (KAHR, 1996; RODMAN, 2003).

Encontramos, na literatura psicanalítica, abundantes versões acerca do que ocorreu na noite de 12 de novembro de 1968, na Sociedade Psicanalítica de Nova York. O auditório estava tão cheio que uma sala anexa teve que acomodar o público excedente que passou a acompanhar a palestra de Winnicott por meio de uma televisão improvisada (WINNICOTT, 2005; KAHR, 1996; RODMAN, 2003). O grande número de pessoas presentes para ouvi-lo corrobora a tese de que seu trabalho era, a essa data, bem conhecido entre os norte-americanos

(RODMAN, 2003). Thompson (2013) destaca que talvez Winnicott, ingenuamente, tenha tomado o conhecimento de seu trabalho como fundamento para supor que suas propostas seriam bem recebidas pelos membros do instituto nova-iorquino. No entanto, pondera a autora, Winnicott esqueceu-se de que, embora cordiais em suas relações de amizade, os integrantes da NYPS eram reconhecidamente ortodoxos e bastante apegados às diretrizes psicanalíticas clássicas, especialmente quando reunidos em eventos científicos. Em sua opinião, o fato de a proposta de Winnicott tocar, de forma clara, em temas bastante controversos, assim como a escolha do autor em usar uma linguagem coloquial para expressar suas ideias, abriram espaço para muitas incompreensões e críticas.

Por um lado, a noção de “uso de um objeto” indicava a necessidade de revisão da teoria clássica sobre os instintos eróticos e agressivos e suas relações com o ambiente externo. Por outro – e em consequência – propunha uma modificação clínica precisa: a aplicação de um modelo de tratamento interativo no qual o paciente deveria “usar” seu analista e até mesmo destruí-lo. Segundo Kahr (1996), talvez esse ponto tenha sido o mais difícil para os americanos aceitarem, uma vez que eles partiam de uma concepção sobre tratamento analítico a qual objetivava, sobretudo, a interpretação da transferência em vistas à emergência do conteúdo recalçado e inconsciente. Consentir com uma proposta de tratamento na qual analistas e pacientes criavam um espaço conjunto de trabalho estava além de suas possibilidades de acolhimento naquele momento.

Pessoas presentes à reunião descreveram que Winnicott aparentava estar nervoso e agitado. De forma jocosa, contam que ele, antes de iniciar sua fala, colocou um revólver de brinquedo sobre a mesa e o ouviram afirmar que a arma seria de serventia caso alguém resolvesse dizer, novamente, que o que ele fazia não era psicanálise (SAMUELS, 2001). Outros participantes do evento, destacaram a tensão que pairava no ambiente (KAHR, 1996). Entretanto, o acontecimento derradeiro transcorreu após o fim da palestra. Já com a saúde debilitada e agravada pelo esforço, pelo cansaço e por uma forte gripe, Winnicott, nessa mesma noite, teve que ser internado no Lenox Hill Hospital, em Nova York, e aguardar 4 semanas para poder retornar à Inglaterra. A obrigatoriedade de ser acompanhado por duas enfermeiras, em seu regresso à terra natal, denuncia a gravidade do momento. Ao chegar em Londres, bastante fragilizado ainda, declara, jocosamente, para um amigo que “os analistas americanos ainda iriam matá-lo um dia” (GOLDMAN, 2013, p. 366). Esses acontecimentos, somados ao modo como os membros da NYPS reagiram à apresentação de Winnicott, contribuíram, enormemente, para que as especulações em torno do que ocorreu ao longo de sua apresentação se tornassem intensas.

Winnicott havia encaminhado com antecedência um resumo de sua palestra para a NYPS. A intenção era que esse resumo pudesse ser lido previamente, pelos três analistas da sociedade que conduziriam os debates. Os três comentadores foram escolhidos pelo próprio instituto e não por Winnicott. Foram eles, Edith Jacobson, Samuel Ritvo e Bernard Fine, todos membros bastante conhecidos na NYPS (BAUDRY, 2009). Jacobson, emigrante alemã, fez sua carreira nos EUA estudando os processos básicos do desenvolvimento subjetivo. Reconhecida como especialista no estudo das depressões e dos casos *borderline*, produziu uma teoria revisionista na qual tentou articular a teoria dos instintos com a das relações objetais (ROUDINESCO; PLON, 1998). Por sua vez Ritvo era considerado o mais proeminente estudioso do desenvolvimento infantil entre seus colegas americanos. Suas concepções psicanalíticas baseavam-se em seu trabalho como pediatra em um hospital geral, assim como na clínica privada e na docência na Universidade Yale. Iniciou seus estudos em psicanálise com Ernst Kris, o qual, além de ser contemporâneo de Freud, conhecia bem o trabalho de Winnicott (THOMPSON, 2013). Por fim, Bernard Fine era analista-didata da NYPS. Reconhecido por sua ortodoxia e próxima ligação aos estudos da Psicologia do Ego – então florescente, – a intenção de convidá-lo para debater a apresentação de Winnicott tenha provavelmente sido a de trazer para a discussão o ponto de vista tradicional de sua teoria (BAUDRY, 2009).

Embora, curiosamente, partindo de pontos de vista distintos em suas argumentações, a grande maioria dos pesquisadores que traçam comentários sobre o evento de 12 de novembro destacam que os debatedores se mostraram bastante reticentes em concordar com as ideias apresentadas por Winnicott. Alguns propõem que os americanos não conheciam o pensamento teórico e clínico de Winnicott, o que, portanto, dificultaria o entendimento do que foi comunicado. Outros, entretanto, destacam que, na verdade, havia uma confluência de ideias e intenso intercâmbio entre alguns membros da NYPS e o autor inglês. Para esses, o que dificultou o entendimento foi a combinação entre a novidade conceitual do que estava sendo transmitido e o modo confuso com que Winnicott se expressou.

Assim, por exemplo, Baudry (2009) acredita que, por não conhecerem o trabalho de Winnicott, os debatedores não puderam compreender nem tampouco dar a devida importância ao que estava sendo proposto, tanto para a psicanálise como um todo, quanto para o tratamento clínico, sobretudo com pacientes *borderline* e psicóticos. Explicita a autora que os analistas da Psicologia do Ego se dedicavam a produzir uma psicologia considerada científica,

concentrando seus estudos sobre a segunda teoria freudiana estrutural da mente e as relações estabelecidas entre suas instâncias (Id, Ego, Superego). E embora houvesse analistas interessados na clínica com crianças, estes se baseavam nas propostas de Anna Freud e consideravam a teoria kleiniana selvagem e pouco científica.

Para Baudry (2009), assim como para Rodman (2003), Winnicott era tido, na NYPS, como um dos herdeiros de Klein, e isso talvez tenha sido decisivo para que já houvesse de antemão uma certa reserva quanto a aceitar suas ideias. No entanto, a autora também é explícita ao destacar e reconhecer que o modo confuso com o qual Winnicott apresentou sua proposta, àquela ocasião, tenha prejudicado a comunicação.

Nesse sentido, Reeves (2007) opina que a função comunicativa depende tanto do falante (emissor) quanto do ouvinte (receptor). Pelo lado do falante, é necessário que aquilo a ser comunicado esteja bastante claro para ele mesmo, de modo que possa ser transmitido aos outros a contento. Assim, se o emissor falha em transmitir suas ideias, isso pode significar que estas ainda estavam em estágio de formação. Pelo lado dos ouvintes, explica Reeves (2007), estes deverão estar “prontos” para receber as ideias que lhes estão sendo comunicadas. Uma capacidade que pode ser comprometida por diversas questões, como, por exemplo, a inveja e a ignorância. Partindo dessas proposições, para Reeves (2007), na palestra em Nova Iorque talvez ambas as situações tenham se somado. As ideias ainda estavam em gestação no pensamento do próprio Winnicott e os analistas americanos estavam pouco abertos para recebê-las. O problema é que Winnicott sabia que somente as expondo e percebendo o resultado obtido, ele poderia avaliar a situação. Sendo assim, decidiu enfrentar o desafio e, como bom psicanalista, ao final, se responsabilizou pela parte que lhe cabia na dificuldade da plateia em compreendê-lo, ao declarar que seu argumento ainda precisava ser mais bem elaborado (MILROD, 2005).

Nessa mesma direção, Dias (2005) sugere que não houve uma verdadeira comunicação entre o que Winnicott pretendia transmitir e o que os analistas da Psicologia do Ego puderam entender porque eles partiam de perspectivas teóricas distintas. Por essa razão, afirma a autora, os debatedores americanos, ao fazerem suas críticas, tentaram “traduzir” para os postulados da Psicologia do Ego os argumentos que estavam sendo apresentados por Winnicott. Segundo Dias (2005), o debate deixou clara a existência de dois modelos de pensamento distintos: o da Psicologia do Ego, sustentado em um paradigma de psicanálise tradicional e ortodoxo, organizado em torno dos conceitos metapsicológicos de Freud; e o esquema maturacional de Winnicott, centrado em

uma teoria do desenvolvimento emocional e em uma ontologia do tipo fenomenológico avessa a especulações metapsicológicas.

Em consonância com Dias (2005), Goldman (2013) destaca que os três debatedores estavam unidos em recusar as proposições de Winnicott principalmente pela ênfase dada pelo autor inglês ao caráter inter-relacional tanto do desenvolvimento infantil quanto da experiência clínica. Desaprovando o uso dos termos escolhidos por Winnicott para apresentar seus argumentos, eles indicaram que as ideias de Winnicott seriam mais bem compreendidas e avaliadas caso tivesse utilizado o vocabulário próprio à psicanálise, articulando noções tais como: identificações narcísicas, economia libidinal e capacidades funcionais do ego. Termos, claro, pertinentes para a Psicologia do Ego, mas não tanto para a teoria winnicottiana.

De uma forma intrigante, partindo de outro prisma, alguns pesquisadores discordam da tese de que Winnicott não era conhecido na América. Abraham (2013), por exemplo, sugere que Winnicott pensou que encontraria na NYPS um local mais apropriado do que a Sociedade Britânica de Psicanálise para lançar suas novas ideias por dois motivos principais. Primeiro, porque Winnicott sabia que alguns analistas americanos, assim como ele próprio, tematizavam os estágios primitivos do desenvolvimento emocional. Segundo, porque Winnicott tinha a informação de que inúmeros analistas da Psicologia do Ego discordavam da teoria freudiana sobre a pulsão de morte, um tema que perpassava, de forma subliminar, sua palestra. No entanto, tais premissas parecem não ter sido levadas em conta pelos debatedores norte-americanos que receberam com críticas ásperas a palestra proferida.

Essa perspectiva também é corroborada por Thompson (2013), autora segundo a qual Winnicott não apenas conhecia, mas mantinha, ao longo dos anos, intensa troca de ideias com analistas norte-americanos, sobretudo Greenacre, Rapaport, Kris e Hartmann, todos ligados à NYPS. As cartas trocadas entre eles documentam as produtivas discussões que estabeleceram entre si. Mas, talvez, os intercâmbios e mútuas influências não fiquem claros na obra de Winnicott, pois este, reconhecidamente, não gostava de especificar quais seriam as ideias de seus contemporâneos que o influenciaram na construção de seu pensamento.

Thompson (2013) acrescenta, ainda, que as idas de Winnicott à América se iniciaram nos anos 50 e se prolongaram até 1968. Inclusive, na década de 60, ele lá esteve em quatro oportunidades distintas, nas quais pôde apresentar alguns de seus livros e de seus artigos mais recentes. Nesse intercâmbio, esclarece a autora, era comum que os americanos também participassem de congressos e eventos na Inglaterra.

Baseando-se nessas informações e discordando de outros comentadores, Thompson (2013) não acredita que a escassa compreensão das proposições de Winnicott pelos analistas nova-iorquinos tenha derivado de uma grande diferença de orientação teórica ou desconhecimento da obra winnicottiana. Aliás, em sua perspectiva, há grande afinidade entre as proposições de Winnicott e as de alguns teóricos da Psicologia do Ego. Afinidades estas reconhecidas pelo próprio Winnicott, o qual era enfático em afirmar o quanto gostava de ouvir e ser ouvido por seus amigos norte-americanos. Talvez, conclui Thompson (2013), a pouca compreensão, portanto, deva se sustentar sobre o fato de que o próprio Winnicott ainda não tivesse elaborado suficientemente bem as ideias ali expressas.

Ao regressar a Londres, Winnicott escreve para Anna Freud novamente e, embora ela não tivesse perguntado, a notícia sobre a palestra em Nova York. Afirma que o evento foi complexo, pois, embora soubesse que não havia obtido grande êxito ao se comunicar e que, conseqüentemente, suas ideias não tinham sido bem recebidas, percebeu que, em compensação, havia tirado grande proveito da situação na medida em que se viu obrigado a rescrever seus argumentos de forma mais clara e explícita (WINNICOTT, 2005). Podemos perceber a veracidade desse objetivo, pois Winnicott passou os últimos anos que lhe restavam de vida produzindo versões distintas e cada vez mais sofisticadas da palestra. A primeira delas foi publicada no ano seguinte, ou seja, em 1969, no *International Journal of Psychoanalysis* (WINNICOTT, 1969). Em seguida, compôs uma versão ligeiramente modificada que foi publicada, como capítulo, no livro *O brincar e a realidade* quando Winnicott já havia falecido (WINNICOTT, 1969/1975). Por fim, ele escreve um último ensaio, que restou inacabado e chegou ao público em 1989, ou seja, quase vinte anos após sua escritura (WINNICOTT; SHEPHERD; DAVIS, 1989/2007). Conforme Samuels (2001) nos informa, inclusive, especula-se que ele ainda estava revendo esse artigo no dia em que morreu, 25 de janeiro de 1971.

A tessitura de um diálogo com temas da obra freudiana

Podemos observar que, se por um lado os pesquisadores contemporâneos apresentam versões distintas sobre os eventos que envolveram a apresentação da palestra sobre o uso de um objeto, em 1968, por outro eles são unânimes em destacar a importância de seu conteúdo. Baudry (2009), por exemplo, assinala que as noções ali introduzidas impõem a necessidade de uma releitura trans-

formadora na própria obra de Winnicott, opinião compartilhada por Dias (2005) na medida em que, para esta autora, as ideias apresentadas por Winnicott em torno da tese sobre o uso de um objeto oferecem uma contribuição original sobre dois pontos específicos: a teoria da agressividade e a construção das relações objetais, temas amplamente estudados pelo autor ao longo de sua obra. Corroborando essa proposição, Ogden (2016) destaca que, se Winnicott havia indicado com sua formulação sobre os objetos transicionais que a passagem do estabelecimento de uma relação com um "objeto subjetivo" para "objetivamente percebido" era passível de ser percorrida, já com a noção de uso de um objeto ele havia conseguido demonstrar *como* essa operação se processa. Para isso, Winnicott teve que rever e reformular pilares estruturais de seu pensamento, principalmente as raízes da agressividade e as funções do brincar e da presença paterna nos processos mais arcaicos do desenvolvimento. Nessa esteira, Joyce e Caldwell (2011) afirmam que os artigos escritos a partir de 1968 apresentam a visão mais madura do pensamento winnicottiano sobre o que ele vinha teorizando em relação ao desenvolvimento emocional primitivo durante as quatro últimas décadas de seu trabalho. Segundo estas autoras, nesses artigos derradeiros Winnicott recapitula e transforma algumas noções essenciais de sua teoria, tais como as funções materna e paterna, assim como o papel da agressividade e da destrutividade na construção da subjetividade, sublinhando os desdobramentos teóricos e clínicos que elas impõem. Joyce e Caldwell destacam ainda que, por essas razões, os especialistas na obra de Winnicott propõem que esses escritos encerrem uma das mais importantes contribuições para a psicanálise em geral. Até mesmo Reeves (2007) que critica Winnicott indicando que com a postulação da noção de uso de um objeto talvez o autor tenha caído na armadilha de tentar construir uma teoria geral sobre o processo de subjetivação, destaca as qualidades e a importância das ideias propostas por Winnicott em suas últimas publicações. Nas palavras do autor:

[com a noção de uso de um objeto] Winnicott produziu realmente uma hipótese memorável, coerente e de largo alcance capaz de demonstrar como um objeto subjetivamente criado pode se tornar um objeto a ser usado e a parte vital que o impulso destrutivo tem nesse movimento. Pode-se entender, portanto, por que Winnicott estava tão empenhado em sustentar as ideias que desenvolvera em "O uso de um objeto" (REEVES, 2007, p. 378).

Entre os estudiosos atuais que marcam a importância das últimas contribuições de Winnicott, Elkins (2017) apresenta uma tese interessante. Este

autor sugere que a maioria dos estudiosos da obra de Winnicott leram as proposições oferecidas em torno das noções de *uso de um objeto* a partir da tradicional teorização de Winnicott sobre a agressividade e suas raízes. No entanto, para Elkins (2017), o que está sendo introduzido nesses trabalhos finais produz uma real inovação no modo de Winnicott conceber a agressividade e sua função na construção da subjetividade. Nesse sentido, ele preconiza que devemos perceber a existência de dois tipos distintos de agressividade nesses últimos escritos de Winnicott. O primeiro deles, envolvido no campo do amor/apetite, imprime ao objeto uma pressão, tal como morder, chuchar ou atacar o seio, por exemplo. Esse tipo de agressividade se encontra tematizado no corpo teórico de Winnicott desde suas primeiras publicações. Em contraponto, a agressividade envolvida no uso de um objeto pode ser mais bem descrita como o ato, imposto pelo sujeito, de renunciar ou expulsar o objeto, de forma ativa, da área de proteção onipotente subjetiva. E, nesse sentido, pondera Elkins (2017), a agressividade aqui envolvida é destrutiva. Dessa forma, segundo o autor, o que está sendo problematizado nos artigos finais de Winnicott diz respeito à origem e à natureza do impulso agressivo a partir de duas linhas de proposição distintas sobre a agressividade, uma como pressão (amor/apetite) e outra como expulsão (destruição). Tentando conciliar essas duas linhas de pensamentos sobre a natureza do impulso agressivo, Elkins (2017) propõe que Winnicott tenha lançado mão de uma noção paradoxal que inclui ambas em um mesmo movimento ao propor que o impulso primitivo, em sua raiz, comporta os dois tipos de agressividade, isto é, a pressão (amor) e a expulsão (destruição).

O interessante é que, segundo Elkins (2017), com essa proposição, Winnicott se percebe diretamente endereçado à segunda teoria pulsional freudiana, ao insistir que o primeiro impulso é tanto uma força em direção à diferenciação (expulsão) quanto em seu sentido contrário, isto é, em direção ao apagamento da diferença (incorporação). Nas palavras do autor:

Essa é a tensão que Winnicott agora associa a uma tensão entre amor e discórdia e que começa como uma unidade. Quem pode dizer se esse instinto primitivo é de pressionar ou de jogar fora, *philia* ou *neikos* (Empédocles), Eros ou (aquilo que eu poderia chamar) de pulsão de morte? Dizer que o primeiro instinto é ele mesmo único e que essa unidade é primária é dizer que esses dois movimentos são partes do mesmo impulso motor, dois lados de uma mesma moeda daquilo que Winnicott uma vez chamou de força vital e agora um sintoma de estar vivo (ELKINS, 2017, p. 138-139).

Dessa forma, pode-se propor que, ao final de sua vasta obra, Winnicott tenha introduzido em sua teoria a novidade de que o impulso primitivo motor não é, em sua natureza, apenas, agressivo, mas, igualmente, destrutivo. Pois tanto no movimento de incorporação quanto no de expulsão, algo do objeto e do eu são destruídos e passam a formar o vasto mundo do não-eu. O que implica que, para que o processo de criação dos mundos interno e externo se consolide, seja necessário que o objeto real sobreviva à sua destruição e se apresente, ao sujeito, como autônomo em sua capacidade de (sobre)viver. Sendo essa autonomia e independência aquilo que sustenta o fato de, como afirma Winnicott (1989/2007), o objeto se tornar real porque foi destruído e ser destruído porque era real. Dessa forma, ao enlaçar os desdobramentos da atividade agressiva/destrutiva às vicissitudes do objeto, isto é, a seus modos de sobrevivência, poderíamos indicar que, em suas postulações finais, Winnicott estivesse propondo a instauração de um circuito que se estabelece entre impulso primitivo e objeto, a partir do qual ocorre a paulatina construção da interioridade e da externalidade. Um circuito que passa irremediavelmente pelos atos de destruição, de sobrevivência e de criação.

Assim como Elkins (2017), o próprio Winnicott percebeu que tal proposta o endereçava diretamente à teoria pulsional freudiana e mais especificamente ao conceito de pulsão de morte que havia passado a vida afirmando suas reservas quanto a adotar. Ele se refere a esse assunto em seu inacabado e postumamente publicado artigo "O uso de um objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo" (WINNICOTT, 1989/2007), mas não o desenvolve a contento. Nele, o autor afirma que Freud, ao filiar sua teoria pulsional ao princípio organizador unitário/dual (amor/discórdia) do filósofo grego Empédocles, estaria prestes a produzir dois passos fundamentais:

1 - deslocar a noção de pulsão de morte de uma natureza biológica e 2 - afirmar aquilo que ele (Winnicott) pôde destacar a partir da clínica com a psicose, isto é, [que] "o primeiro impulso é, ele mesmo, UM. Algo que eu denominei 'destruição', mas que poderia ter chamado de um instinto combinado AMOR/DISCÓRDIA. Essa unidade é primária e é ela que impulsiona o processo de constituição subjetiva" (WINNICOTT, 1989/2007, p. 190).

Ou seja, de uma forma muito interessante, Winnicott observa que embora tenha detectado a existência de um impulso arcaico unitário, atrelando agressividade/destrutividade à sobrevivência do objeto, o importante é que esse impulso se expressa por meio de uma duplicidade opositiva: destruição/criação.

Sendo justamente essa oposição inclusiva, ou seja, essa ação paradoxal, que para Winnicott remete à teoria pulsional freudiana, indicando que talvez tenha sido essa a ideia de Freud ao filiar sua teoria pulsional ao princípio amor/discórdia de Empédocles, em *Análise terminável e interminável* (FREUD, 1937/1986). Em suas palavras:

Posso sustentar minha tese citando Freud que escreveu que, de acordo com Empédocles, o poder/amor 'luta para aglomerar as partículas primitivas dos elementos (do universo ou do homem) dos quatro elementos em uma única unidade; enquanto o poder/discórdia "procura desfazer, etc, etc" (WINNICOTT, 1989/2007, p. 189).

Com uma indicação tão explícita, podemos nos interrogar sobre as razões pelas quais os estudiosos da obra winnicottiana não deram muita importância a essa proposição e permaneceram afirmando a recusa de Winnicott em aceitar o conceito de pulsão de morte de Freud (FULGENCIO, 2006, 2012; LOPARIC, 2013; GIRARD, 2013; ABRAM, 2013). Interrogação que fica mais interessante ainda se levarmos em conta que não encontramos, em seus argumentos, uma explanação do que estariam compreendendo como pulsão de morte, uma noção que na própria obra freudiana recebeu distintas versões não conclusivas. Em nossa opinião, entretanto, esse diálogo com a obra freudiana é fulcral na medida em que pode permitir a abertura de reflexões importantes sobre os manejos possíveis para as manifestações dos fenômenos clínicos indicados na obra freudiana como desdobramentos da ação da pulsão de morte, tais como: a compulsão à repetição, a reação terapêutica negativa ou as transferências hostis (para citar alguns que se fazem presentes na condução clínica de todo analista).

Outras vias dialógicas

Se por um lado, encontramos um autor que corrobora nossa hipótese a respeito da abertura de um diálogo entre o impulso primitivo destrutivo postulado por Winnicott e a pulsão de morte elaborada por Freud, o mesmo se dá, parcialmente, em relação ao fato de Winnicott inserir suas ideias sobre o uso de um objeto no contexto do artigo freudiano sobre Moisés e o monoteísmo. Reeves (2007), por exemplo, sustenta que nesse artigo, diferentemente do que havia feito na apresentação em Nova Iorque, Winnicott introduz uma novida-

de em sua teoria a respeito da função paterna no processo do desenvolvimento emocional primitivo como facilitadora para a transição do relacionamento com o objeto para o alcance da capacidade em usá-lo dos infantes. Tal configuração nos indica a necessidade de aferirmos que Winnicott estivesse incluindo a função do Pai como elemento primitivo do ambiente que auxilia o bebê a se desenredar da mãe e se singularizar. Em nossa opinião, destacar a função paterna como fundamental para o processo de desenvolvimento emocional arcaico, permite uma aproximação com as ideias freudianas, as quais situam no Pai uma função fundamental para a singularização filial.

No entanto, Reeves (2007) nos alerta que Winnicott não oferece uma explicação razoável de como o Pai exerce essa função. Sendo assim, nós decidimos iniciar uma investigação pela própria trilha aberta por Winnicott segundo a qual Freud, em seu artigo sobre o Moisés, estava lutando, a seu modo, para entender como se dá o processo de "integração", ou seja, qual seria a trajetória que permitiria ao bebê, de um estado indiferenciado, assumir uma sensação de unidade. Para tal, Winnicott parte da noção de que ao estudar a origem do monoteísmo, Freud estaria de certa forma, indicando que a crença em um Deus único se relaciona com o processo de "individuação" concernente ao estabelecimento do estado do Eu-Sou. Referenciando-se a uma nota de rodapé escrita por Freud, a qual enfatiza que o historiador e arqueólogo Breasted (cf. FREUD, 1937/1986), denomina Amenofis (o faraó egípcio que instaurou uma religião monoteísta em seu reinado em substituição ao politeísmo) como o primeiro indivíduo na história humana. Winnicott completa:

Sinto que Freud daria as boas-vindas a um trabalho novo que fizesse sentido ao comentário de Breasted em termos de algo universal no desenvolvimento emocional do indivíduo, qual seja, a tendência integradora que pode conduzi-lo a um *estatuto* de unidade (WINNICOTT, 1989/2007, p. 189).

Nesse sentido, tal passagem parece nos sugerir que Winnicott estivesse propondo que se Freud pudesse deslocar a questão paterna do conflito edípico para momentos mais arcaicos do desenvolvimento, ganharia a possibilidade de levar em conta a ação do Pai como Ambiente nos processos de integração. E, de uma forma intrigante, encontramos no estudo de Moreira (2014) sobre o artigo freudiano, uma inferência que parece ir ao encontro dessa nossa proposição. Segundo a estudiosa, Freud, ao relacionar o assassinato do Pai da horda primitiva, com os assassinatos de Moisés e de Cristo, desloca, em grande escala, o exercício da função paterna do drama edípico

concedendo-lhe um lugar de ponto fundamental da transmissão transgeracional inconsciente do trauma fundador da coletividade humana. Dessa forma, Moreira (2014) é de opinião que no artigo sobre Moisés, o drama edípico ganha uma dimensão de momento tardio no processo de construção da subjetividade, dependente de estruturas mais primitivas que dizem respeito, sobretudo ao potencial destrutivo primitivo – assassinato do Pai da horda – e seu encadeamento em uma narrativa cultural.

A esse respeito, Fuks (2014) nos relembra que Freud, no artigo sobre o Moisés, procura compreender como essa experiência vivenciada como traumática – o assassinato do Pai da horda que se reatualiza nos assassinatos de Moisés e de Cristo – poderia ser transformada em ponto civilizador ao ser inscrita em uma tradição que seja transmitida inconscientemente através das gerações. Para a autora, é a possibilidade desse encadeamento da vivência traumática no campo discursivo das tradições aquilo que permite que haja uma possibilidade de que o ato destrutivo – assassinar o Pai – não precise ser repetido em ato, mas simbolizado e, permanentemente, transcrito e escoado em diferentes formas simbólicas e culturais.

Nesse sentido, encontramos nos estudos de Caruth (1996) sobre as experiências de traumas coletivos, possibilidades de relacionarmos as ideias de Winnicott com as de Freud a respeito do tema. Segundo a autora norte-americana, Freud, ao trabalhar a questão traumática insere, subliminarmente, a relação intrínseca entre o potencial destrutivo implícito no evento traumático e a experiência de sobrevivência a ele. A questão que se coloca, portanto, em relação ao trauma, não diz respeito exclusivamente à sua força destrutiva, mas ao fato de se sobreviver a ela. Ao sujeito, então, caberá lidar com o efeito de se perceber um sobrevivente, pois é a sobrevivência que torna o evento traumático real ao ser narrado, pelo sobrevivente, aos membros de seu grupo. Nesse sentido, poderíamos abrir como ponto de diálogo entre os dois autores, o fato de eles estarem tentando elaborar as articulações possíveis entre potencial destrutivo originário e sobrevivência, tanto no aspecto de tornar as experiências arcaicas reais quanto no de inseri-las em uma discursividade compartilhada, em um plano coletivo, portanto histórico.

Algumas considerações

Partindo da percepção de que a grande maioria dos estudiosos da obra de Winnicott propõe a existência de uma determinação do autor em se manter

contrário à ideia de pulsão de morte postulada por Freud em 1920, o presente artigo procurou introduzir uma outra perspectiva sobre o assunto a partir da qual poderíamos propor a abertura de interessantes diálogos entre as teorias dos dois autores. Para tal, iniciamos nossas ponderações pela palestra proferida por Winnicott, em Nova Iorque, em 1968, na qual abre, para o público, suas ideias derradeiras sobre o processo de desenvolvimento emocional primitivo. Destacando as intensas movimentações emergidas a partir da recepção dos analistas norte-americanos às inovadoras ideias de Winnicott, salientamos como, ao tentar melhor esclarecer suas ideias sobre o uso de um objeto, Winnicott ressalta a necessidade de incluirmos no impulso originário a existência de um potencial destrutivo que, paradoxalmente, se torna criativo, uma vez o objeto sobreviva à sua destruição.

Sobre essas considerações introduzimos a ideia de que a postulação do caráter destrutivo no impulso primitivo oferece uma via de diálogo importante com a teoria das pulsões de Freud, a qual, inclusive foi aberta pelo próprio Winnicott ao fazer referência à proposta freudiana sobre as pulsões como princípios agregadores e desagregadores e não como estando baseadas sobre raízes biológicas.

Igualmente, tomando a via aberta pelo próprio Winnicott, nos endereçamos à abertura de um diálogo entre a ideia introduzida pelo autor sobre a possibilidade de tomarmos a função paterna como Ambiente facilitador no processo de integração primitivo para fazer ponte com as ideias de Freud sobre a importância do Pai como modulador do impulso destrutivo na possibilidade de, a partir de seu assassinato, se fazer polo de transição para a cultura. Destacamos, igualmente, que tal movimentação transcende as vivências primitivas singulares, para se alojar nas configurações culturais. Nesse ponto, o fato de percebermos que há modos distintos de sobrevivência paterna à sua destruição (como totem – pai da horda; como Lei – Moisés; e como ressuscitado – Cristo), nos fez propor que a ligação entre destrutividade e sobrevivência também está presente nas ideias freudianas em relação à trajetória percorrida por cada sujeito, da indiferenciação à singularização.

Dessa forma, gostaríamos de finalizar o artigo propondo a necessidade de aprofundarmos esses eixos de diálogos que, inicialmente, pudemos abrir em relação ao pensamento dos dois autores. Principalmente tomando como ponto de partida as pistas que nos foram legadas pelo próprio Winnicott ao citar diretamente Freud e ao incluir no título de seu último artigo uma das obras seminais de Freud – texto complexo, polêmico e denso – no qual o autor vienense toca em temas diversos e fundamentais para a teoria psicanalítica

como um todo. Uma série de temas tão importantes que fazem coro à afirmação de Bernstein (2000) segundo a qual Freud, ao escrever o artigo sobre Moisés, sob o impacto da mais pura destrutividade, evidenciada pela ascensão nazista na Europa, acabou por fazer de seu texto uma afirmação na esperança e na promessa à sobrevivência como pontos centrais da experiência humana. Não poderíamos dizer que estes são temas, igualmente, tocados por Winnicott a partir de suas considerações sobre o uso de um objeto?

Tramitação

Recebido 15/02/2024

Aprovado 27/05/2024

Referências

- ABRAM, J. D.W.W. Notes for the Vienna Congress 1971: a consideration of Winnicott's theory of aggression and an interpretation of the clinical implications. In: _____. *Donald Winnicott today*. London: Routledge, 2013. p. 302-330.
- BAUDRY, F. Winnicott's 1968 visit to the New York Psychoanalytical Society and Institute: a contextual view. *The Psychoanalytic Quarterly*, New York, v. 78, n. 4, p. 1059-1090, 2009.
- BERNSTEIN, R. *Freud e o legado de Moisés*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- CARUTH, C. *Unclaimed Experience: trauma, narrative and history*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.
- DEATHIVILLE, L. *Donald W. Winnicott: une nouvelle approche*. Paris: Campagne Première, 2014.
- DIAS, E. Winnicott em Nova Yorque: um exemplo da incomunicabilidade entre paradigmas. *Natureza Humana*, ano 7, n. 1, p. 179-206, 2005.
- ELKINS, J. Revisiting destruction in "the use of an object". *The Psychoanalytic Quarterly*, New York, v. LXXXVI, n. 1, p. 109-148, 2017.
- FREUD, S. (1920). *Mais além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 17-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- _____. (1937). *Análise terminável e interminável*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 239-288. (ESB, 23).

_____. (1939). *Moisés e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 13-164. (ESB, 23).

FULGÊNCIO, L. Notas sobre o abandono do conceito de pulsão na obra de Winnicott. *Winnicott e-prints*, São Paulo, n. 1, v. 1, p. 85- 95, 2006.

_____. Críticas e alternativas de Winnicott ao conceito de pulsão de morte. *Ágora*, Rio de Janeiro, Número especial, v. 15, p. 469-480, 2012.

FUKS, B. *O homem Moisés e a religião monoteísta*: três ensaios. O desvelar de um assassinato. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GIRARD, M. Les fondements des concepts de base de la metapsychologie freudienne chez Winnicott. *Révue Française de Psychanalyse*, Paris, n. 3, v. 77, p. 842-865, 2013.

GOLDMAN, D. Surviving as Scientist and Dreamer: Winnicott and use of an object. *Contemporary Psychoanalysis*, London, n. 34, v. 3, p. 359-367, 2013.

JOYCE, A.; CALDWELL, L. *Reading Winnicott*. London: Routledge, 2012.

KHAR, B. D.W. *Winnicott: a biographical Portrait*. London: Karnac Books, 1996.

LOPARIC, Z. From Freud to Winnicott: aspects of a paradigm change. In: ABRAM, J. (Org.). *Donald Winnicott today*. London: Routledge, 2013. p. 113-155.

MILROD, D. Meeting of the New York Psychoanalytic Society. *Natureza Humana*, São Paulo, n. 7, v. 1, p. 237-249, 2005.

MOREIRA, C. Servir-se do pai: uma leitura de o Homem Moisés e a religião monoteísta. 2014. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

OGDEN, T. Destruction reconceived: On Winnicott's "The Use of an Object and Relating through Identifications". *International Journal of Psychoanalysis*, London, n. 97, v. 5, p. 1243-1262, 2016.

REEVES, C. The mantle of Freud: was "the use of um object" Winnicott's *todestrieb*? *British Journal of Psychotherapy*, London, n. 23, v. 3, p. 365-382, 2007.

RODMAN, R. *Winnicott: life and work*. Cambridge: Perseus Publishing, 2003.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAMUELS, L. The paradox of destruction and Survival. In: D. W. Winnicott's "the use of um object". *Fort – Da*, v. 7, n. 2, San Francisco, p. 38-53, 2001.

THOMPSON, N. The transformation of psychoanalysis in America: emigré analysts and the New York Psychoanalytical Society and Institute. *Journal of American Psychoanalytical Association*, New York, v. 60, n. 1, p. 9-44, 2012.

_____. Winnicott in American analysts. In: ABRAM, J. (Org.). *Donald Winnicott today*. London: Routledge, 2013. p. 386- 417.

WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. D.W. *Winnicott: explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

WINNICOTT, D. W. (1967). A localização da experiência cultural. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 133- 144.

_____. The use of an object. *International Journal of Psycho-Analysis*, London, v. 50, n. 7, p. 711-716, 1969.

_____. (1971). O uso de um objeto e relacionamentos através de identificações. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 121- 132.

_____. (1989). O uso de um objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *D.W. Winnicott: explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007. p. 187- 191.

_____. *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.